

X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e XXIII Jornada de Ensino de História e Educação

"Da Pequena para a Grande Roda." Encontro de Saberes e Poderes no Ensino de História

ISBN: 978-85-9489-155-6

Realização

Apoio



ANAIS DO X ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS
DO ENSINO DE HISTÓRIA E XXIII JORNADA DE
ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

“Da pequena para a grande roda”: encontro de saberes e
poderes no Ensino de História

Organizadoras: Alessandra Gasparotto e Carla Beatriz Meinerz

Edição: Faculdade de Educação da UFRGS

Diagramador: Matheus Zambiasi Roliano

Porto Alegre

2018

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E56

Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (10. : 2018 : Porto Alegre, RS).

Anais do X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e XXIII Jornada de Ensino de História e Educação : "da pequena para a grande roda": encontro de saberes e poderes no ensino de história / organizadoras, Alessandra Gasparotto, Carla Beatriz Meinerz – Porto Alegre : Faced UFRGS, 2018.

1595 p. ; digital.

1. História. 2. Ensino. 3. Educação. I. Jornada de Ensino de História e Educação (23. : 2018 : Porto Alegre, RS). II. Gasparotto, Alessandra. III. Meinerz, Carla Beatriz. IV. Título.

CDU: 93:37



APRESENTAÇÃO

“Da pequena para a grande roda”: encontro de saberes e poderes no Ensino de História

Carla Beatriz Meinerz e Alessandra Gasparotto

“*Da pequena para a grande roda*” empresta expressão cunhada pela Mestre Janja – Rosângela Costa Araújo, capoeirista angoleira e professora na Universidade Federal da Bahia (ARAÚJO, 2015a). Inspirados na capoeira, compreendida enquanto um movimento social com epistemologia própria, propusemos um encontro de saberes e poderes no Ensino de História, numa roda composta pelas tramas e diferenças dos muitos sujeitos, grupos e comunidades que nos constituem. Para Rosângela Costa Araújo, “é na pequena roda (grupo) que são aprendidos os elementos da capoeira e na grande roda (sociedade mais ampla) que esses conhecimentos os(as) constituem enquanto capoeiristas” (2015b).

Durante os dias 16, 17 e 18 de julho de 2018 congregamos corpos e mentes em sessões de diálogo, grupos de reflexão docente, conferências, mesas de debates, atividades culturais, sarau de poesia e saídas a campo, refletindo sobre os saberes e os poderes no Ensino de História. Durante as atividades propostas pelo evento, temas como educação popular, colonialismo, gênero e sexualidades, democracia, saberes sociais, liberdade de ensinar e direitos humanos, educação das relações étnico-raciais e saberes tradicionais, currículos, formação docente, usos do passado, história regional, temas sensíveis, práticas interculturais, saberes escolares e experiências de professores/as de história, povos indígenas, jogos, quadrinhos, didática e metodologias foram abordados a partir de diferentes perspectivas analíticas.

São distintos os saberes que se encontram e disputam espaços no Ensino de História: saberes dos povos das comunidades tradicionais, saberes das lutas políticas e dos movimentos sociais, saberes escolares e saberes acadêmicos. Do nosso ponto de vista, nenhum é superior ao outro, todavia precisamos pontuar possíveis relações hierarquizantes que colocam uns em



superioridade aos outros.

Aprendemos com Sandrali de Campos Bueno (Iyá Sandrali) que todos os saberes são tradicionais porque estão numa comunidade com alguma tradição, seja ela denominada científica, escolar ou de terreiro, por exemplo. O saber compartilhado é o que nos move, é o que move nossas possibilidades de contribuir em projetos emancipatórios para a humanidade.

Inspirados em Nilma Lino Gomes (2017) afirmamos que os movimentos sociais possuem uma epistemologia específica, amparada na qualidade dos saberes construídos nas lutas por emancipação, capaz de desestabilizar e criar processos políticos e pedagógicos fundamentais. Desejamos a equidade desses saberes em nossas comunidades de pertencimento, o que significa reconhecer que não é apenas o saber acadêmico que constitui nossas ações educativas e investigativas. Os recentes movimentos de ocupação das escolas em todo nosso país, por exemplo, construíram novos saberes acerca do que podemos pensar sobre a educação.

Nosso desejo, ao organizar o evento e pensá-lo a partir destas referências, é ampliar o diálogo da história escolar e acadêmica com a diversidade da vida, demarcando não só a pluralidade de todos os sujeitos, saberes, práticas, conhecimentos e técnicas, como também o papel do/a professor/a de História em tempos de cerceamento da liberdade de ensinar. Tal diálogo se faz na relação direta com as experiências dos/as professores/as da educação básica, característica diferencial das *Jornadas de Ensino de História e Educação* promovidas pelo *GT Ensino de História e Educação da ANPUH-RS* e do *Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História*.

Saberes tradicionais, por exemplo, podem ser compreendidos enquanto aqueles criados e recriados na dinâmica cultural de comunidades organizadas com base em tradições preservadas pela força da oralidade, através de lideranças ou mestres. Os mestres tradicionais podem ser líderes indígenas, quilombolas, afro-brasileiros, de comunidades ribeirinhas ou de povos de terreiro, com saberes próprios e fundamentais para a sociedade brasileira. As organizações onde os mestres tradicionais atuam podem ser consideradas espaços de memória, patrimônios materiais e imateriais locais. Griôs, lideranças quilombolas e indígenas, sábios na



relação com as plantas medicinais e com a cultura ancestral de suas comunidades, mestres espirituais, mestres da música e do artesanato, entre outros, **guardam saberes que a Universidade e a Escola pouco conhecem.** São reconhecidos pela sua comunidade através de suas ações, como curandeiros, artistas, líderes religiosos, lideranças políticas, contadores de histórias, cantadores, tocadores, entre muitos outros. Por vezes, recebem também reconhecimento e certificação de centros de saber universitários e escolares, acadêmicos e de órgãos públicos das diferentes esferas do executivo e legislativo. Algumas lideranças guardam e fazem circular conhecimentos construídos pelo conjunto de alguns grupos e são capazes de torná-los patrimônio com os quais o Ensino de História precisa dialogar.

Trata-se do reconhecimento de distintas sabedorias e da nossa necessidade de conhecê-las na perspectiva do diálogo intercultural. Infelizmente, não vai longe o tempo em que se desejava apenas a apropriação de diversos saberes - especialmente os aqui chamados de tradicionais, para uso científico, não apenas por parte da indústria farmacêutica, mas também entre intelectuais das ciências humanas.

A interculturalidade, no caso brasileiro, propõe transgredir esse caminho e criar ações mais intensas no sentido da construção de um contexto de equidade capaz de compor as premissas do reconhecimento do direito do outro no diálogo entre diferentes culturas. Segundo Neusa Vaz e Silva,

É necessário que se tome com seriedade as culturas, ou seja, reconhecê-las e respeitá-las em seu direito de ter mundo próprio e principalmente não serem impedidas por coerção em suas possibilidades de desenvolvimento real. Tal direito foi negado totalmente às culturas originárias das Américas, à época da colonização e ainda hoje em alguns processos “civilizatórios”, não oferecendo condições, ou até mesmo, promovendo a anulação da capacidade para pensar, ver, sentir, organizar e reproduzir o que o povo compreende como seu mundo. Não é oportunizada a possibilidade de que as culturas modelem sua materialidade desde seus próprios valores e metas. E, na verdade, as relações entre as culturas devem processar-se com base na observação prática do direito de cada cultura ser si mesma. (SILVA, 2009, p. 44)

Essa perspectiva circunscreve-se nos movimentos que atuam na perspectiva de uma possível descolonização do saber científico, também reconhecido como pensamento decolonial. No Brasil, do ponto de vista educativo, a LDBEN, e as diretrizes correlatas, assim como o Plano Nacional de Educação, estão em consonância com tal perspectiva epistêmica. O Relatório



Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Cultura, a Ciência e a Educação) intitulado *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*, publicado em 2009, oferece sólidos argumentos sobre a importância de investir na diversidade cultural como dimensão essencial do diálogo intercultural, na construção de estratégias para o desenvolvimento sustentável, na garantia do exercício das liberdades e dos direitos humanos.

Saberes tradicionais, endógenos, locais ou originários, saberes das lutas políticas ou dos movimentos sociais, saberes escolares e saberes acadêmicos, são múltiplas formas de conceituar e compreender esse processo de mudança na relação de trocas que estabelecemos como sujeitos, em nossas ações dentro e fora dos espaços acadêmicos e escolares. Tratar dessas temáticas num encontro que reuniu professores/as e pesquisadores/as do campo do ensino de história e da educação expressa um desejo de debate plural e politicamente equitativo. Avançamos no reconhecimento que tradição todos/as temos e que nenhuma é superior à outra, quando comprometida com um projeto humanitário e democrático.

Inspiremo-nos na formação da Capoeira Angola:

A pequena roda é definida como local de treino e prática de elementos diversos, que se fazem corporais numa leitura de simultâneos encantamento/desencantamento e rivalidade/aceitação. Essas questões são direcionadas para a grande roda, como sendo o lugar de trânsito desses conhecimentos, suturando, igualmente, a aceitação e a rejeição acerca da realidade vivida. Como a atuação na pequena roda e na grande roda é orientada pela cosmovisão africana, ou seja, pelo fundamento do dendê, o compartilhamento do espaço de criação coletiva rompe com a lógica da competitividade produtivista, em benefício da celebração da vadiagem. Nesse sentido, a roda não deve ser compreendida tão somente como um espaço de decisões, mas também de riscos, testes e improvisos. E o jogo de capoeira também deve ser compreendido como um jogo infinito, que não acaba. Por se tratar de um “diálogo de corpos”, muitas vezes uma “resposta” a uma “pergunta” corpórea realizada pode levar anos para se concretizar. (ARAÚJO, 2015b)

Partindo dos conhecimentos e aprendizados partilhados nas pequenas e na grande roda da XXIII Jornada de Ensino de História e Educação/RS e do X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, apresentamos os Anais do nosso evento. Eles se constituem de textos produzidos por professores/as e pesquisadores/as que participaram dos Grupos de Reflexão Docente (GRD) realizados durante o encontro. Os GRDs consistem em sessões de discussão de trabalhos previamente enviados pelos/as participantes, a partir de um tema central e de questões propostas pelos/as coordenadores/as de cada *Grupo*.



Assim, nestes Anais estão reunidos cento e trinta e cinco textos que pautaram as discussões dos dezessete GRDs, que contemplaram diferentes temáticas, abordagens e questionamentos, tais como currículo e formação de professores/as de História; educação democrática; práticas interculturais; memória e patrimônio; educação étnico-racial e as leis 10.639/03 e 11.645/08; história e memória de professores/as de História; história digital; fontes, avaliação e diferentes metodologias no ensino de História.

Esperamos que estes registros e reflexões contribuam para qualificar nossas práticas e nossas perguntas e respostas neste “jogo infinito” que constitui o Ensino de História. Boa leitura.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Rosângela Costa. *É Preta Kalunga: a capoeira angola como prática política entre os angoleiros baianos - anos 80-90*. Rio de Janeiro: MC&G, 2015a.

_____. Abrindo a Roda: conhecimentos que gingam. *Revista Z Cultural-Programa Avançado de Cultura Contemporânea*. UFRJ, 2015b. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/abrindo-a-roda-conhecimentos-que-gingam/> Último acesso em 12 de agosto de 2017.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SILVA, Neusa Vaz e. *Teoria da Cultura de Darcy Ribeiro e a Filosofia Intercultural*. Tese apresentada na Facultad de Postgrados para optar ao grua de Doutor em Filosofia Iberoamericana na Universidad Centro Americana “JOSE SIMEÓN CAÑAS”. San Salvador, El Salvador, 2009.